



Folclore e Tradição: a formação da identidade cultural por meio do rádio

Cleonice Sabine GOERCK ¹
Ângela C. T. FELIPPI (Orientadora)²
Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumo: Este artigo busca apresentar reflexões sobre a monografia “*Folclore e Tradição: a formação da identidade cultural por meio do rádio*”. Nela buscamos entender de que maneira o programa *Folclore e Tradição* contribuiu para a formação da identidade cultural de Santa Cruz do Sul/RS e região de entorno. O programa em estudo vai ao ar pela Rádio Gazeta AM, desde 1987. Para tal, historicizamos o programa, estabelecemos relações com o Centro Cultural 25 de Julho, responsável por produzir e apresentar o programa e compreendemos o movimento de constante construção da identidade cultural. O trabalho incluiu pesquisa bibliográfica e entrevistas com os realizadores do programa, assim como observação. Com isso percebeu-se que o *Folclore e Tradição*, através de sua veiculação, utilizando-se da música, do dialeto e de informações reafirma sua contribuição para a manutenção da identidade germânica da região.

Palavras-chave: Rádio; Identidade Cultural; Identidade Germânica; Rádio Gazeta AM; Folclore e Tradição.

1. Rádio como meio de comunicação

O rádio, de acordo com Ferrareto (2007, p.23), pode ser entendido como o “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas.”. A chegada do rádio no Brasil marca a história da comunicação brasileira. Desde sua primeira transmissão, em setembro de 1922, esse veículo é símbolo de popularidade e receptividade. O rádio quebrou

¹ Graduada pelo Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) 2016/01. E-mail: cleonicegoerck@mx2.unisc.br

² Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e do Departamento de Comunicação Social da UNISC. angelafe@unisc.br

barreiras geográficas e chegou até onde outros meios não chegavam. Conquistou fãs por sua simplicidade e rapidez.

Hoje, o alcance deste meio de comunicação é expressivo. De acordo com o Ministério da Comunicação, com dados contabilizados até junho de 2015, existem 9126 estações de rádio no Brasil. Deste total, 858 estações de rádio estão no Rio Grande do Sul. Apesar dos avanços tecnológicos e do mercado crescente, de acordo com Ferrareto (2007), algumas particularidades do rádio permanecem inalteradas.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud. FERRARETO, 2008, p.30)

Mesmo com os avanços tecnológicos e o advento da internet e da televisão a cabo, por exemplo, o rádio manteve-se próximo aos seus ouvintes. Preocupado em formar e informar, o rádio é um instrumento de transformação.

A emissora de rádio, quando cumpre seu papel de servir a população a qual pertence, exerce um papel de mobilizador e organizador da comunidade. Estar próximo e presente aos seus ouvintes, tratar sobre assuntos locais, oferecer abertura à participação popular, essas são algumas características do rádio local. Peruzzo (2005, p. 69) explica a essência da comunicação local:

Mídia local existe desde que surgiram os meios de comunicação de massa. Historicamente o jornal, o rádio e a televisão, ao nascer, atingem apenas um raio de abrangência local ou regional. Alguns destes meios de comunicação desenvolvem seu potencial de alcance nacional ou internacional, outros permanecem locais. O rádio, por exemplo, é eminentemente local, embora possa percorrer também longas distâncias.

A autora ainda explica que com a chegada de novas tecnologias, imaginou-se no fim da mídia local. Mas ao contrário do que se imaginava, esse acabou se transformando em um diferencial, e os meios de comunicação passaram a valorizar o local.

Comassetto (2007, p. 69) afirma que o rádio local, cuja programação é voltada aos assuntos de interesse e proximidade da comunidade deve, cada vez mais, estreitar essa relação. Nos municípios abordados neste estudo, esta realidade não é diferente. A comunicação local é muito forte, o rádio é um dos principais meios de comunicação utilizados, as estações AM alcançam municípios distantes e o rádio digital já avança.

A região de abrangência do sinal da Rádio Gazeta AM, a qual transmite o programa *Folclore e Tradição*, objeto de estudo desta pesquisa, é o Vale do Rio Pardo, que fica situado na região centro-oriental do estado do Rio Grande do Sul. Ao total são 25 as municipalidades que integram o Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo – COREDE-VRP. A população atingida é superior a 700 mil habitantes.

A Rádio Gazeta AM 1.180 pertence à Gazeta Grupo de Comunicações, de Santa Cruz do Sul. Entrou no ar no final de 1979. Porém, como ela ainda estava em fase de testes, até a inauguração oficial, em maio de 1980, a programação era composta somente por músicas. Em 1991, há a aquisição da Rádio Rio Pardo AM. Além destes dois municípios, a Gazeta AM abrange ainda as cidades pertencentes aos Vales. Em 2006, o sinal da Gazeta passou a ser disponibilizado também pela internet.

De acordo com as referências institucionais, disponibilizadas ao público interno, como missão, a Rádio busca proporcionar o estímulo cultural e moral através do entretenimento e da informação das pessoas. Sua visão é de atingir e sustentar um estágio de referência estadual em comunicação, implantando a qualidade total, para oferecer produtos que satisfaçam a todos os clientes. Seus princípios são: oferecer uma programação com ética, qualidade e responsabilidade; satisfazer os clientes, ouvintes e anunciantes; buscar o compromisso com o desenvolvimento da comunidade; fomentar a diversidade e a flexibilidade para crescer com as mudanças do mercado.

De acordo com Siqueira (2016) o alcance da rádio é de mais de 50 municípios, com a internet há registros de audiência até no exterior. Apesar deste alcance, o foco de trabalho da Rádio são os municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Vera Cruz, Sinimbu, Rio Pardo, Vera Cruz e Vale do Sol. Tradicional, a Rádio não costuma apostar em mudanças na programação, mantém no ar, programas com 25, 30 anos de história.

2. Identidade cultural

Por identidade cultural podemos entender uma representação das relações entre indivíduos e/ou grupos. A identidade corresponde ao que caracteriza cada povo, cada comunidade, essa identidade se dá, por exemplo, através de seus costumes, ritos e crenças. Castells (2000, p. 22) define identidade como “a fonte de significado e experiência de um povo”. O autor ainda afirma que a identidade autoconstrói e individualiza cada

indivíduo e propõem três formas de origem e construção de identidade: identidade legitimadora (está ligada às instituições dominantes, ela dá origem a uma sociedade civil), identidade de resistência (representam os desvalorizados, identidade defensiva, dá origem a comunidades) e identidade de projeto (nova identidade buscando nova posição na sociedade, de origem oprimida, busca transformação da sociedade).

Silva (2012, p. 74) busca definir identidade

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo.

Porém, ao afirmarmos algo acabamos fazendo inúmeras negações. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (Silva, 2012, p. 75). A identidade pode ser pensada a partir de partes isoladas, que formam um grande conjunto. Há um processo homogeneizador, onde as identidades são erguidas por distintos grupos, que apresentam histórias diferentes, mas que acabam adquirindo características similares a partir do discurso de seus integrantes. “A tendência da identidade é se tornar fixa, mas, como acontece com os mecanismos linguísticos e discursivos, ela sempre está em devir, escapando.” (NEUMANN, 2006, p. 25)

Ainda de acordo com Neumann (2006, p. 26), “as identidades são construídas, portanto, a partir da diferença, mas também num processo de afirmação do poder de determinado grupo. O outro passa a ser considerado como aquele que está fora, pois não existe identificação com os elementos elencados para a identidade em questão.”. O que, mais uma vez, nos recorda que a identidade e a diferença estão interligadas.

Hall (2002) e (2003) mostra que, mesmo a identidade sendo particular, precisa ser entendida como um estudo das relações existentes num modo de vida global, pois ela é resultado inter-relacionamento de práticas sociais. Além disso ela precisa ser vista como um processo que está em andamento.

Para Hall (2006, p. 9) o sujeito pós-moderno está envolto à uma identidade móvel, dinâmica que é formada e transformada “o sujeito, previamente vivido como tendo

uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

A ideia que tínhamos até então era que a identidade “que emergia no seu nascimento e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo” (HALL 2006, p.10). Passa a ser substituída por outra, onde não há um sujeito com identidade fixa, imutável e compra-se a ideia de uma identidade em construção, que adere novos valores, sentidos à medida em que estabelece relações e vínculos sociais.

Essa identidade em construção pode ser explicada pelo contexto social atual, que pode ser definido como fragmentado. Seguindo os conceitos de Bauman (2007) que explica a “sociedade líquida moderna”, hoje estamos em contato com várias culturas, fazendo assim, o sujeito ser formado por um conjunto de várias identidades. Isso vai ao encontro do que Hall (1998) chama de falta de uma “identidade fixa”: “as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2006, p.7).

Ainda, de acordo com esse autor, a identidade não é algo pronto, constante, uma essência fixa, mais dinâmica, construída e reconstruída “por intermédio da memória, fantasia, narrativa e mito. (HALL, 2003, p. 70)

É importante também entender a relação existente entre a identidade individual e a identidade coletiva. Para Hall (2006, p. 13), a identidade do sujeito existente na “sociedade líquida moderna”, defendida por Bauman (2007), não é definida biologicamente, mas sim, historicamente. Essa identidade individual é dependente da identidade coletiva e a identidade coletiva é construída individualmente. A identidade coletiva é construída ao longo do tempo e é ela que dá, aos sujeitos, o sentido de continuidade, por adotarem papéis, normas e valores válidos para todos os componentes do grupo, o que reafirma constantemente a realidade objetiva e subjetiva (HABERMAS, 1990).

Por fim, cada sujeito constrói sua identidade individual, que é instável e mutante. Essa identidade está articulada à de outros sujeitos, formando assim, a identidade coletiva.

O município de Santa Cruz do Sul começou a receber imigrantes alemães a partir de 1842. Esses imigrantes construíram uma identidade coletiva. De acordo com Vogt

(2001), os primeiros habitantes desse território foram os índios da Tradição Umbu. Já na época do descobrimento do Brasil, a região era povoada por tribos da tradição Tupi-Guarani. E quando se deu o contato com o branco europeu, através do Tratado de Tordesilhas, todo o território que hoje faz parte do Rio Grande do Sul pertencia então aos castelhanos.

Após esse período deu-se início à vinda de colonizadores. Os imigrantes germânicos chegaram na metade do século XIX, em 1842. De acordo com Cunha (1991), dos imigrantes 42,53% deles naturais da Pomerânia, 37,88% da Renânia, 4,46% da Prússia, 3,57% da Silésia e 3,29% da Saxônia. Além de serem oriundo de diversos lugares,

Os imigrantes alemães não compunham, então, um grupo homogêneo, sob muitos aspectos: eram oriundos de diferentes regiões e estados, por vezes de diferentes países; muitos deles eram camponeses e servos, outros tantos marginalizados urbanos e excluídos do processo de industrialização que se iniciava; alguns poucos podiam ser enquadrados como intelectuais em exílio político[...] (MEYER, 2000, p. 38)

Estes imigrantes vieram atraídos pela promessa de uma vida nova, “visando à oportunidade de tornarem-se proprietários de terras, deixaram para trás uma vida sacrificada e de muita pobreza. (WINK, 2002, p. 27). Porém, a realidade não correspondia com as promessas das autoridades brasileiras, “sendo a paisagem local quase que inteiramente selvagem, intocada pela mão do homem e distante de qualquer possibilidade de orientação e ajuda.” (WINK, 2002, p. 30).

Antes disso, a partir de 1824 o Brasil começou a receber um elevado fluxo de imigrantes, principalmente oriundos da Europa. Entre estes imigrantes, estavam os germânicos. Para Seyferth (1994), simbolicamente os imigrantes romperam com seus laços de origem, adotando assim, a colônia como sua nova pátria. Como estavam organizados em grupos, foi possível criar o que podemos chamar de germanidade, uma identificação étnica.

Porém, é necessário entender que a ideia de homogeneidade parte da organização comunitária. Apesar dos imigrantes serem oriundos de diversas localidades e de algumas dificuldades em relação ao dialeto, foi através da língua que houve a integração social,

Através do convívio comunitário e familiar, auxiliados por suas escolas, os colonos transmitiram seus valores culturais para as gerações seguintes, en-

contrando, assim, um modo de construir uma nova vida em uma nova terra. E a língua alemã foi a mediadora de todas as relações, responsável pela socialização, que possibilitou o cultivo de valores e hábitos dos colonos imigrantes, o que sedimentou a identidade cultural em Santa Cruz. (AZAMBUJA, 2002, p. 33)

Apesar disso, os usos e costumes trazidos pelos imigrantes foram confrontados com as condições encontradas na região

Eles/as se depararam com outro clima, precisaram repensar suas vestimentas, seus hábitos de higiene e alimentação, rever/aprender técnicas agrícolas e de pecuária, construir moradias de outro tipo e com diferentes materiais, sofrer e conhecer novas doenças, desenvolver, enfim, outros modos de viver a vida e garantir a sobrevivência. (MEYER, 2000, p. 49)

A etnia, a língua e os costumes eram as ligações diretas com o país de origem. Mas isso, associado aos movimentos criados para atender às necessidades impostas, fez com que houvesse um desenvolvimento cultural. Visto isso, é possível pensar em “identidades culturais sendo confrontadas/transformadas/reconstruídas” (MEYER, 2000, p. 50). Essa ideia vai ao encontro da proposta de Canclini (2011) que vê o hibridismo cultural como possibilidade de sobrevivência de culturas.

Como se pode observar até aqui, os imigrantes, buscando objetivos semelhantes, se organizaram em grupos desde o princípio, Vogt (2001, p. 147) afirma que “a organização em torno das cooperativas, da religião, das sociedades culturais nas suas mais diversas formas, demonstram determinadas necessidades que decorrem de uma dada realidade.” Sociedades de damas, de atiradores, de canto, de leitura, de cavalaria, de loto, são exemplos de organizações e associativismo que buscam formas de lazer.

O Centro Cultural 25 de Julho é um exemplo disso. O nome provem da data dada como oficial do início da imigração germânica no Brasil, em 1824. Sua fundação, em Porto Alegre, se deu através de uma ação de solidariedade que visava ajudar alemães atingidos pela Segunda Guerra Mundial.

O Centro Cultural 25 de Julho de Santa Cruz do Sul, de acordo com informações contidas no processo nº 1837-11.00/14-6 do Conselho Estadual da Cultura, no qual o projeto “Centro Cultural 25 de Julho de Santa Cruz do Sul” é aprovado, é uma entidade que possui atividades culturais ligadas à cultura germânica durante o ano todo. Foi fun-

dado em 1986, e apesar de tantos anos de existência há poucos registros sobre sua história.

De acordo com Scherer (2016) a ideia de fundar o Centro partiu do professor Nelson Bender, que tinha a intenção de manter as tradições dos imigrantes alemães. Antes disso, em 1980, Bender criou o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Polka. Para fundar o Centro Cultural 25 de Julho, buscou o apoio de mais pessoas e partilhou a ideia durante uma reunião. Surge então o Centro, que busca resgatar e preservar os costumes e tradições dos imigrantes alemães. Nele, preserva-se os trajes típicos do passado, cantos populares, língua alemã, gastronomia típica. O Centro conta um programa radiofônico com música alemã e informações (*Folclore e Tradição*) e um departamento de esportes. Além de promover apresentações em diversos eventos, a Centro Cultural participa ativamente da *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul, que acontece anualmente no município.

3. O Programa Folclore e Tradição e a Identidade Germânica

O programa *Folclore e Tradição* está no ar pela Rádio Gazeta AM de Santa Cruz do Sul desde 1987, sem interrupção. De acordo com Scherer (2016) o embrião do programa é o Centro Cultural 25 de Julho.

Fundada a sociedade em 25 de Julho de 1986, com cerca de duzentos sócios na época e tendo Scherer como primeiro presidente, percebeu-se a falta de um meio de comunicação entre o Centro e seus sócios, “nós temos que manter alguma coisa para nos comunicar com nossos associados, por que só com carta, pelo correio, dá despesas. [...] Digo: “Seu Nelson, vou criar um programa de rádio. O elo entre diretoria e associados seria o programa de rádio.” (SCHERER, 2016)

Apesar de não ter registros oficiais, Scherer (2016) afirma que o programa teve sua primeira edição na primeira quinzena de abril de 1987, quase um ano depois da fundação do Centro. Deduz-se que a estreia se deu no dia 4 ou 11 de abril. Durante sua trajetória, o *Folclore e Tradição* não foi apresentado por Eliceu Werner Scherer durante cerca de um ano. Devido ao seu afastamento do Centro Cultural por um período. Maria Luiza Rauber Schuster passou a integrar a apresentação do programa há cerca de doze anos.

Buscando produzir um programa baseado em músicas estrangeiras, oriundas principalmente da Alemanha, Áustria e Suíça, e alternativo aos programas de bandinhas locais já existentes, Scherer (2016) afirma ter tido dificuldade em obter tais músicas.

Atualmente o conteúdo do programa é muito semelhante se comparado aos primeiros, nos anos 80. Os apresentadores não contam com roteiro. São repassados recados do Centro Cultural aos associados, divulgadas atividades realizadas pelo 25 de Julho, agenda de bailes. “O programa realmente cumpria e cumpre a finalidade e seus objetivos traçados no início: ser um elo de comunicação entre o quadro social e o público geral. E a música, que eu considero o diferencial.” (SCHERER, 2016).

A música é um ponto a ser considerado. Além de executar melodias estrangeiras, contemporâneas e antigas, é comum ser apresentado aos ouvintes seu contexto, além do cantor ou banda. Não são utilizadas produções regionais, das chamadas “bandinhas alemãs”, grupos que tocam e se apresentam com músicas folclóricas e populares, alemãs e nacionais.

No que diz respeito ao conteúdo e formato, de acordo com Scherer (2016) a emissora nunca interferiu em nada. O programa é baseado em músicas, recados, agenda de festividades, excursões e a lista de aniversariantes, essas informações são repassadas pela secretaria do Centro. Além disso, o programa busca passar alguns conhecimentos e curiosidades sobre a Alemanha e países com cultura germânica.

Observa-se uma divisão das tarefas durante a produção e a execução do programa. Pode-se dizer que o *Folclore e Tradição* não possui uma produção específica, pois é realizada pelos apresentadores, individualmente, além disso, não é feito *script*, não há gravação de quadros ou agendamento de entrevistas. Scherer apenas recebe recados de ouvintes durante a semana e seleciona as músicas do seu arquivo pessoal. Já Schuster organiza os recados recebidos do Centro Cultural e as curiosidades apresentadas. Durante a semana não é comum haver contato entre os apresentadores para discutir “pauta”. Poucas combinações são feitas minutos antes do programa ir ao ar, sem formalidades. Mas essa falta de produção não significa falta de interesse ou desleixo. Ao contrário, esse “processo automático de apresentação” (SCHERER, 2016) se dá pelos anos de experiência, somam-se a isso o formato do programa e o trabalho voluntário que realizam.

A participação dos ouvintes também é de grande importância para o programa. Os ouvintes mandam recados durante a semana, ligam, enviam cartas e mensagem pelo telefone, tanto à rádio como aos apresentadores. Homenagens de aniversários, recados e pedidos musicais correspondem a maior parte da participação dos ouvintes.

No âmbito da audiência, Scherer (2016) define-a como variada. Pessoas de várias classes sociais e idades, mas chama a atenção para pessoas da terceira idade e que moram sozinhas.

Os programas são arquivados pela Rádio Gazeta AM durante dois meses. Não há registro de arquivos guardados por parte do Centro Cultural ou dos apresentadores.

Baseando-se na análise de quatro edições pro programa (edições de 05 de março de 2016, 12 de março de 2016, 19 de março de 2016 e a edição de 26 de março de 2016), é possível observar que o programa tem uma estrutura pouco variada. Além disso, o programa segue um roteiro, mesmo ele não existindo em papel. Dividido em seis blocos, em todos são apresentadas músicas, grande parte delas são cantadas, mas também há músicas instrumentais. Já os recados do Centro Cultural costumam serem lidos em todos os blocos, com exceção do primeiro. Alguns recados e convites são repetidos ao longo do programa. Para Schuster (2016) esses recados fazem com que a comunidade conheça as atividades realizadas durante todo o ano pelo Centro Cultural, e não apenas nos períodos de festividades. Alguns recados são dirigidos especificamente aos associados, como o horário dos ensaios dos grupos de danças ou reuniões, cumprindo, assim, seu papel de elo de comunicação entre o Centro Cultural e seus sócios

Já para Siqueira (2016) ter o *Folclore e Tradição* na programação é uma forma de manter ligação entre a emissora e a comunidade local, pelo viés da cultura. Apesar de ser considerado “muito segmentado”, ele apresenta “audiência cativa”.

Durante os vinte e nove anos de existência, duas mudanças puderam ser percebidas: o estilo do programa e a presença do dialeto alemão. No que diz respeito ao estilo, Scherer (2016) aponta que “no início o programa era mais sério, mas hoje em dia essa descontração faz bem, as pessoas estão gostando muito disso.”. O que Scherer (2016) chama de “descontração” pode ser percebido em vários momentos ao longo do programa, são piadas, causos e histórias que são lembradas pelos apresentadores ou pelos ouvintes.

Já o dialeto alemão acabou perdendo espaço “eu acho que nós deveríamos falar mais em alemão, mas eu fico pensando nas milhares pessoas que não entendem alemão. No início se falava mais.” Hoje é falado no dialeto apenas trechos curtos do programa, os nomes das músicas, as saudações e algumas informações sobre temas variados, o que representa cerca de 50% do programa.

Essa retração do uso do dialeto leva a pensar, no mínimo, dois movimentos: a ampliação do público ouvinte do programa, no que diz respeito não apenas à números, mas também à origens, etnias, e a retração do número de sujeitos falantes do dialeto.

Após o levantamento dos dados apresentados, algumas questões se sobressaíram e levando a pensar de que maneira o programa *Folclore e Tradição* contribuiu para a construção e manutenção da cultura germânica na região.

A intenção do programa. Desde o princípio do Centro Cultural buscou ser uma forma de preservação da cultura germânica na cidade e região. As músicas, as danças, as festividades são exemplos disso. Mas, além disso, observou-se a necessidade de manter um contato mais próximo e de boa periodicidade, além das reuniões e encontros. Surge então a vontade de utilizar o rádio como elo de relacionamento. É interessante pensar em formatos radiofônicos. Teoricamente informações curtas, de agenda e prestação de serviços poderiam ser dadas durante pequenos programetes inseridos na programação em horários determinados. Mas a proposta foi além disso, agregar às informações músicas e curiosidades sobre a cultura germânica.

A maneira pela qual a identidade aparece também foi pontuada. Como foi possível observar nas edições selecionadas para uma breve análise, a identidade germânica aparece por meio do dialeto alemão presente em vários momentos do programa, das músicas executadas, que, em sua maioria são estrangeiras, e das notícias e curiosidades selecionadas de sites e revistas e que são lidas em um determinado contexto. A divulgação da agenda de eventos realizadas pelo Centro Cultural também pode fazer com que a comunidade crie interesse e até participe de confraternizações, podendo, assim, futuramente integrá-lo. O fato dos apresentadores pertencerem ao Centro Cultural também fortalece a identidade.

Outro aspecto interessante de ser questionado é a visão de cultura que o programa propõe. Que identidade busca conservar? Pode-se confrontar, sem intenção de jul-

gar, a visão folclorista e a visão que a mídia costuma apresentar. Através do viés folclorista, a cultura necessita de preservação, ao contrário de muitas mídias, que buscam inovação, atualização e interação com outros meios. Pelas entrevistas é possível observar um esmero por parte do programa em “preservar a cultura”, mas nem sempre a preservação é fundamental

[...] trabalhos que insistem em ver as manifestações de cultura popular como sobrevivências do passado no presente, como práticas isoladas, cristalizadas, imutáveis. Este tipo de enfoque é que pode ser considerado anacrônico, “atrasado”, pois desconhece estudos que veem as práticas culturais populares da mesma maneira que qualquer manifestação de cultura, como parte de um contexto sociocultural historicamente determinado. Este contexto as explica, torna possível sua existência e, ao se modificar, faz com que também aquelas práticas culturais se transformem. (AYALA, 2006, p. 8)

Essa visão de preservação pode ser ligada aos movimentos de revivo cultural dos anos de 1980. Nessa perspectiva o moderno, o “de fora” tende a ser visto como ameaça

Nesse sentido, os folcloristas dão poucas explicações sobre o popular, não sendo capazes de reformular seu objeto de estudo de acordo com o desenvolvimento de sociedades em que os fenômenos culturais poucas vezes têm as características que o folclore define e valoriza. As comunicações massivas, porém, colocam o popular em cena de um modo diferente e são vistas pelos folcloristas como ameaça às tradições populares.

[...] a preocupação sobre os avanços da modernidade alertou os folcloristas sobre a necessidade da criação de um método de registro e de análise das tradições populares, ou seja, a necessidade de transformar o folclore em Ciência: ‘Folclore’. (CATENACCI, 2001, p. 32 e 34)

Por fim, salienta-se o papel que o programa *Folclore e Tradição* exerce tanto na programação da Rádio Gazeta AM, como elo entre as diretrizes da empresa e os ouvintes da região em que abrange. Sua intenção de levar aos ouvintes música típicas estrangeiras, tentando fugir aos moldes dos demais programas musicais apresentados, agenda de eventos e recados do Centro Cultural 25 de Julho aparece ao longo do programa.

A presença do dialeto alemão em uma rádio é exemplo da busca pela constante formação de uma identidade cultural. Pessoas que não têm contato com o dialeto em seu dia a dia, podem se familiarizar através do programa.

O conteúdo apresentado, produzido pelo Centro Cultural 25 de Julho, em uma rádio AM, em uma região com raízes na colonização alemã reforça o sentido de construção de uma identidade germânica. Seu tempo de existência, combinado a um formato

pouco alterado ao longo do tempo pode ser símbolo de preservação, embora a identidade esteja em permanente mudança.

Como foi visto, podemos pensar as “identidades culturais sendo confrontadas/transformadas/reconstruídas” (MEYER, 2000, p. 50). De um lado temos a ideia de que muitos aspectos da identidade já foram “perdidos” ao longo dos anos na região. Porém, o dialeto da língua alemã, algumas características ligadas à culinária e às vestimentas são exemplos de pontos que sofreram transformações, mas não acabaram.

4. Considerações finais

Este artigo buscou mostrar uma reflexão sobre a construção e manutenção da identidade cultural de Santa Cruz do Sul através do programa radiofônico *Folclore e Tradição*, veiculado na Rádio Gazeta AM, do Grupo Gazeta de Comunicações. Para isso, os passos se deram em busca da história do programa, do seu conteúdo e de sua relação com o Centro Cultural 25 de Julho e com a rádio.

O rádio passa por um momento de mudanças. A transição de emissoras AM para FM e as adaptações para o meio digital fazem com que o rádio permaneça atual e empenhado na busca de novos formatos. Mesmo com estas transformações, o rádio mantém-se próximo aos seus ouvintes, mantendo-os informados sobre assuntos locais e de seu interesse. A Rádio Gazeta AM, emissora pela qual o programa estudado neste trabalho é veiculado, tem foco no local e regional. Em sua programação encontram-se programas jornalísticos, musicais e de variedades. Fundada há 36 anos, a Rádio leva ao ar, todos os sábados, o programa *Folclore e Tradição*. Sob o slogan “O programa porta voz do Centro Cultural 25 de Julho” é produzido e apresentado ao vivo, com eventuais exceções, pelo Centro Cultural 25 de Julho de Santa Cruz do Sul.

Apesar de ir ao ar desde 1987, pouco se tem registro sobre o programa. Houve dificuldades em encontrar dados precisos, pois não há registros, tão pouco pesquisas envolvendo o Centro Cultural 25 de Julho ou o programa.

O programa *Folclore Tradição* auxilia na construção e disseminação da identidade cultural local. A utilização de músicas e do dialeto são exemplos disso. A intenção de trazer informações e curiosidades sobre a Alemanha e seus vizinhos também contribui.

Em frente a isso, buscou-se entender que hibridismo e a modernidade não tem a intenção de extinguir com o que é tradicional, mas sim transformá-lo. É importante, enfim, que não se busque o congelamento, a preservação estática da identidade, pois esta cultura estará sujeita ao desaparecimento. Canclini (2011), como vimos, sugere o hibridismo cultural como saída. Este processo de hibridização põe no mesmo patamar as mais diversas manifestações da cultura contemporânea, ao contrário da lógica da modernidade, “em que o culto deveria estar nos museus e o popular nas praças e feiras. O tradicional e o moderno, portanto, já não sofrem uma oposição tão evidente, pelo contrário, convivem em um mesmo cenário social.” (JACKS, 1999, p. 34). Entende-se a identidade cultural como um processo, pois a cultura tem em sua essência a mutabilidade.

Referências

- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil: perspectivas de análise**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: <<http://unisc.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508101917/pages/9>> Acesso em 14 jun. 2016.
- AZAMBUJA, Lissi Iria Bender. **Língua alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul-RS**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002
- BAUMAN, Z.. **Vida líquida**; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000
- CATENACCI, Vivian. **Cultura Popular entre a tradição e a transformação**. São Paulo, SP. 2001. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/folclore%20cultura%20popular.pdf>> Acesso em 18 jun. 2016.
- COMASSETTO, Leandro Ramires. **A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global**. Florianópolis: Insular, 2007.
- CUNHA, Jorge Luiz da. **Os colonos alemães e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul 1849-1881**. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, 1991

FERRARETTO, Luiz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. In MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs.). **Teorias do rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp.7-22.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JACKS, Nilda. **Querência – Cultura Regional como Mediação Simbólica**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

MEYER, Dagmar Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MINISTÉRIOS DAS COMUNICAÇÕES. Disponível em: < <http://www.mc.gov.br/> > Acesso em: 24 mar. 2016.

NEUMANN, Marinês Teresinha. **Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. **Processo nº 1837-11.00/14-6 do Conselho Estadual da Cultura**. Disponível em: http://www.procultura.rs.gov.br/pc_print_parecer_cec.php?cod_projeto=13383&parecer=1 Acesso em 07 jun. 2016.

SCHERER, Eliceu Werner. **O programa Folclore e Tradição**. Entrevistadora: C. S. Goerck, 2016. 1 arquivo de áudio digital (1h 46 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *Folclore e Tradição: a formação da identidade cultural por meio do rádio*.

SCHUSTER, Maria Luiza Rauber. **O programa Folclore e Tradição**. Entrevistadora: C. S. Goerck, 2016. 1 arquivo de áudio digital (50 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *Folclore e Tradição: a formação da identidade cultural por meio do rádio*.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania**. A imigração alemã e o Estado Brasileiro. RBCS, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIQUEIRA, Leandro. **Rádio Gazeta AM e o programa Folclore e Tradição**. Entrevistadora: C. S. Goerck, 2016. 1 arquivo de áudio digital (56 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *Folclore e Tradição*: a formação da identidade cultural por meio do rádio.

VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). **Vale do Rio Parado**: (re)conhecendo a região. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

WINK, Ronaldo. **Santa Cruz do Sul**: urbanização e desenvolvimento. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.